
Os ecos do horror em O Homem Duplicado

Renan Marques Isse⁷³

RESUMO: O medo é uma sensação humana que é capaz de causar reações distintas nas pessoas. O mais antigo dos sentimentos é capaz de nos levar a agir de formas nunca antes esperadas. Esse artigo tem como objetivo fazer um panorama descritivo do medo enquanto sensação, incluindo as características, comportamentos e respostas fisiológicas dadas pelos personagens que foram afetados pelo medo. Além disso, o artigo também vai relacionar a *O homem duplicado*, de Saramago, os conceitos do “enredo de descobrimento complexo” proposto por Noel Carroll (1999), de modo que todos os caminhos levem ao resultado final apontado por Otto Rank (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Saramago; Carroll. Medo. Literatura.

ABSTRACT: Fear is a human sensation that is able to cause different reactions on people. The oldest feeling can lead us into acting in ways that have never been thought before. This article proposes to provide a descriptive analysis on fear as a sensation, including the characteristics, behaviours and physiologic responses given by the characters that have been affected by the fear. Furthermore, it will also correlate what Noël Carroll (1999) defines as “the complex discovery plot” to *The Double*, a novel by José Saramago, in the degree that everything happens according to what Otto Rank (2013) proposes.

KEYWORDS: Saramago. Carrol. Fear. Literature.

1. O QUE É O MEDO

Tomando emprestadas as palavras do historiador francês Jean Delumeau em um de seus ensaios, ele diz que o medo

⁷³ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

É uma emoção-choque frequentemente precedida de surpresa, provocada pela consciência de um perigo iminente ou presente. Alerta, o organismo reage por comportamentos somáticos e alterações endócrinas que podem ser muito contrastantes dependendo das pessoas e das circunstâncias: aceleração ou diminuição do ritmo cardíaco, respiração muito rápida ou muito lenta, contração ou dilatação dos vasos sanguíneos, aumento ou diminuição da secreção das glândulas, paralisação ou exteriorização violenta e, no limite, inibição ou, ao contrário, movimentos desconexos ou atabalhoados. (DELUMEAU, 2007, p. 39).

O medo é uma sensação que se apresenta para o homem a partir de situações distintas e se manifesta de modos variados em cada pessoa, como apresentado por Delumeau. Enquanto uns demonstram seu medo com uma paralisação ou inibição completa das ações, outros podem se mostrar eufóricos, como se tivesse ocorrido uma grande liberação de adrenalina na pessoa.

França diz que

Inerente à natureza humana, o medo está intimamente ligado aos mecanismos de proteção contra o perigo. Sendo uma emoção relacionada aos nossos instintos de sobrevivência, a experiência humana do medo vem quase sempre acompanhada pela consciência de nossa mortalidade. O medo atávico em relação ao nosso derradeiro destino é a garantia da atração e da universalidade de uma longa tradição de narrativas que tematizam o mistério da morte – sua insondabilidade, sua inexorabilidade. (FRANÇA, 2011, p. 59).

Se o medo está ligado a formas de autodefesa frente o perigo, qual seria a grande fonte de medo para o ser humano, desde os primórdios do mundo? Só existe uma certeza na vida, e ela é a resposta para a pergunta anterior: a morte. Em razão da falta de respostas convincentes e cientificamente provadas, o ser humano alimenta como seu principal medo a perda da vida.

O que acontecerá após o momento da nossa morte é a justificativa de uma outra fonte de medo que paira sobre o ser humano desde a antiguidade: o desconhecido. Retornando à época do desenvolvimento da ciência e da medicina, a citar como exemplos, o homem daquele século era extremamente temeroso quanto à incerteza de o que viria a acontecer caso aqueles estudos fossem realmente desenvolvidos.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman é categórico em suas palavras ao afirmar que

há muito mais infortúnios sendo proclamados iminentes do que aqueles que acabam realmente ocorrendo, de modo que sempre podemos esperar que este ou aquele desastre recentemente anunciado acabe nos ignorando. Que computador foi danificado pelo sinistro “bug do milênio”? Quantas pessoas você conhece que foram vítimas dos ácaros de tapete? Quantos amigos seus morreram da doença da vaca louca? Quantos conhecidos ficaram doentes ou inválidos por causa de alimentos geneticamente modificados? Qual de seus vizinhos e conhecidos foi atacado e mutilado pelas traiçoeiras e sinistras pessoas em busca de asilo? Os pânico vêm e vão, e embora possam ser assustadores, é seguro presumir que terão o mesmo destino de todos os outros. (BAUMAN, 2008, p. 14).

A aparição dos terrores modernos, segundo Bauman, configura-se conforme o andar da sociedade e das inovações que acontecem no mundo. Independentemente de qual seja o novo medo que assombrará o ser humano nessa década, há apenas uma certeza: ele será transitório; dentro de pouco tempo ele esmorecerá e será apenas mais um dentro de uma próxima lista de medos.

Durante o passado, antes do fenômeno da globalização mundial, os medos eram produtos culturais fortemente vinculados a uma dada configuração espaço-temporal. Algo que era capaz de causar medo em um italiano do século XV não aterrorizaria um americano do século XVII. O isolamento que havia entre os países e continentes não contribuía para a disseminação de um grande medo mundial. Recentemente houve o caso do vírus ebola, que se espalhou no continente Africano e foi capaz de colocar todo o mundo em posição de alerta. Houve alguns anos antes desse vírus a explosão da gripe suína, originária do México e que criou um forte mal estar entre a população.

Uma grande forma de movimentar dinheiro nasceu com os terrores intermitentes da sociedade. A chamada indústria do medo surgiu com a necessidade de tranquilizar as pessoas assustadas. Para quem é assombrado pela ideia de perder todos os arquivos que possui no computador, as empresas de antivírus são capazes de vender um serviço que teoricamente irá

proteger seu computador de qualquer tipo de ataque malicioso, seja ele por parte de *hackers*, *malwares*, *spam*, entre outros tipos de vírus de computadores.

Nos Estados Unidos, é cultural que os indivíduos tenham porte de arma de fogo para que possam se defender de roubos ou invasões domiciliares. No Reino Unido, grande parte da população possui um sistema de segurança em suas casas, sendo que na primeira tentativa de assalto, o alarme, que está ligado ao departamento de polícia mais próximo, dispara e logo a sensação de medo e perigo desaparece.

Há estudos capazes de contrapor o medo ao prazer, psicanaliticamente falando. Alfred Hitchcock, em um de seus textos, é capaz de provar que a experiência do medo pode causar tanto prazer quanto desprazer. Se o medo é uma sensação que nos causa angústias, desesperos e ansiedade, naturalmente esses sentimentos não são prazerosos. Quando sentimos medo, somos fortemente alvejados por um mecanismo que nos causa uma forte sensação de desprazer. Inconscientemente, a mente humana consegue retirar o medo e suas fontes da consciência e acaba por recalcar-los. Sabe-se que o ser humano é guiado fortemente pela busca do prazer na sua vida, então, sentir medo é uma sensação extremamente desagradável.

Na psicanálise freudiana, recalque é o nome que se dá a esse mecanismo de defesa inconsciente que tenta eximir o ser de responsabilidade com a ação presenciada. O recalque está ligado à repressão dessas ideias ou desejos que vão contra o princípio do prazer ou contra os princípios éticos, morais, filosóficos ou até religiosos de quem os recalca.

O medo também aparece na literatura, como sendo um dos elementos presentes no gênero horror literário. Ressalte-se aqui que não é apenas na literatura de horror que o medo se manifesta, entretanto, nesse gênero ele é potencializado e obtém uma posição de destaque.

2. O MEDO EM *HOMEM DUPLICADO*

José Saramago, em seu romance intitulado *O homem duplicado*, relata a história de Tertuliano Máximo Afonso, um professor de história que levava uma vida monótona e quase depressiva, extremamente tediosa e repetitiva. Ele era um escravo da sua rotina. Tudo isso muda

quando um colega de trabalho seu, portanto igualmente professor, mas de matemática, recomenda que ele assista a um filme de nome “Quem Porfia Mata Caça”, um famoso ditado popular português. Quando Tertuliano aluga o filme e resolve enfim assisti-lo, ele se sente frustrado em primeiro momento e vai dormir. No meio da noite ele acorda assustado, sentindo uma presença estranha em seu apartamento, como se alguém tivesse revirado a casa toda e ainda estivesse lá o esperando. Tertuliano

Acordou uma hora depois. Não sonhara, nenhum horrível pesadelo lhe havia desordenado o cérebro, não esbracejou a defender-se do monstro gelatinoso que se lhe viera pegar à cara, abriu apenas os olhos e pensou, Há alguém em casa. (SARAMAGO, 2002, p. 21)

Após o estranhamento inicial da situação, o narrador, fazendo juízo de valores de Tertuliano, diz que,

Como a maior parte da gente comum, este Tertuliano Máximo Afonso tem tanto de corajoso como de cobarde, não é um herói desses invencíveis de cinema, mas também não é nenhum cagarola, dos que se mijam pelas pernas abaixo quando ouvem ranger à meia-noite a porta da masmorra do castelo (SARAMAGO, 2002, p. 21)

e começa a descrever as sensações que o medo lhe causou.

É verdade **que sentiu eriçaram-se-lhe os pêlos do corpo**, mas isso até aos lobos sucede quando se enfrentam a um perigo, e a ninguém que esteja em seu juízo perfeito lhe passara pela cabeça sentenciar que os lupinos são uns miseráveis cobardes. Tertuliano Máximo Afonso vai demonstrar que também não o é. (SARAMAGO, 2002, p. 21, grifo nosso).

O narrador descreve que Tertuliano, logo assim que se levantou da cama para descobrir o que era a presença estranha em sua casa, “empunhou um sapato à falta de arma mais contundente, e, usando de mil cautelas, assomou-se à porta do corredor” (SARAMAGO, 2002,

p. 21). Ora, como já foi dito que o homem não é nem totalmente corajoso nem totalmente covarde, nada mais justo do que ele posicionar-se de um modo que ele seja capaz de zelar pela sua integridade, tendo em vista que ele está claramente amedrontado e enfrentando uma situação da qual ele não faz a menor ideia. O desconhecido e o estranhamento que o despertaram de seu sono ainda não se manifestaram para ele.

Tertuliano

Olhou a um lado, depois a outro. A percepção de presença que o fizera despertar tornou-se um pouco mais forte. Acendendo as luzes à medida que avançava, **ouvindo ressoar-lhe o coração na caixa do peito** como um cavalo a galope, Tertuliano Máximo Afonso entrou na casa de banho e depois na cozinha. Ninguém. E a presença, ali, era curioso, pareceu-lhe que baixava de intensidade. Regressou ao corredor e enquanto se ia aproximando da sala de estar percebeu que a invisível presença se tornava mais densa a cada passo, como se a atmosfera se tivesse posto a vibrar pela reverberação de uma oculta incandescência, como se o **nervoso Tertuliano Máximo Afonso** caminhasse [...] Não havia ninguém na sala. [...] Tertuliano Máximo Afonso murmurou em voz muito baixa, **com temor**, Era isto, e então, pronunciada a última palavra, a presença, silenciosamente, como uma bola de sabão rebentando, desapareceu. Sim, era aquilo, o aparelho de televisão, o leitor de vídeo, a comédia que se chama Quem Porfia Mata Caça, uma imagem lá dentro que havia regressado ao seu sitio depois de ir acordar Tertuliano Máximo Afonso à cama. (SARAMAGO, 2002, p. 21-22, grifo nosso).

As manifestações fisiológicas do corpo de Tertuliano indicam claramente que ele está completamente assustado com a presença estranha. Chegasse alguém por trás dele durante essa empreitada, seria capaz de o pobre professor enfartar em decorrência do susto. Tertuliano enfim confirma que a fonte de seu medo provém da narrativa cinematográfica que estivera assistindo antes de dormir e resolve assisti-la novamente, a fim de reconhecer qual havia sido aquela imagem que o despertara.

Ao passo de vinte minutos, uma atriz entra no hotel e comunica ao funcionário da recepção que ela tem uma reserva lá. Quando a câmera foca no rosto dele, Tertuliano imediatamente pausa a exibição, ajoelha-se “diante do televisor, a cara tão perto do ecrã quanto

lho permitia a visão, Sou eu, disse, e outra vez **sentiu que se lhe eriçavam os pêlos do corpo**” (SARAMAGO, 2002, p. 23, grifo nosso).

Tertuliano então resolve comparar uma foto sua de cinco anos atrás com a imagem pausada do ator no filme, a fim de saber se há alguma diferença, por mínima que seja entre ambos. Sem encontrar nada que fosse capaz de apontar uma distinção para salvar Tertuliano daquela torturante situação em que ele se encontra após ter assistido o filme, o professor deixa-se cair no sofá, onde

haveria espaço bastante para amparar o **desmoronamento físico e moral do seu corpo**, e ali, com a **cabeça apertada entre as mãos, os nervos exaustos, o estômago em ânsias**, esforçou-se por arrumar os pensamentos, desenranchando-os do caos de **emoções amontoadas** desde o momento em que a memória, velando sem que ele o suspeitasse por trás da cortina cerrada dos olhos, o tinha feito despertar sobressaltado do seu primeiro e único sono. (SARAMAGO, 2002, p. 27, grifo nosso).

Não é apenas Tertuliano Máximo Afonso que é dominado pelo medo durante a narrativa. Helena, a esposa do ator que o professor de história busca demonstra várias vezes estar completamente assustada face à situação insólita que se desenhara entre os dois personagens. Ela diz ao marido que

Se eu estivesse no teu lugar, varreria da cabeça o assunto, diria cem vezes por dia que não pode haver no mundo duas pessoas iguais, até ficar convencida e esquecer, E não farias nenhuma tentativa para comunicar com ele, Creio que não, Por quê, Não sei, **suponho que por medo** (SARAMAGO, 2002, p. 180, grifos nossos)

e em seguida acrescenta que

No outro dia, deu-me como uma vertigem quando percebi que não eras tu quem estava ao telefone, Percebo isso, ouvi-lo a ele é ouvir-me a mim, o que eu pensei, não, não foi pensado, **foi antes algo sentido, como uma onda de**

pânico a apertar-me, a crispar-me a pele (SARAMAGO, 2002, p. 181, grifos nossos).

3. A CONTRIBUIÇÃO DE CARROLL

Conforme mencionado anteriormente, o desconhecido é capaz de causar grandes terrores na psique humana. Esse é um dos métodos mais abordados pela literatura. Carroll aponta dois possíveis tipos de enredo na literatura de terror, o enredo de descobrimento complexo e o enredo do extrapolador.

Segundo Carroll, o aparecimento do monstro na vida do protagonista é a primeira função das narrativas de enredo de descobrimento complexo. Nas suas palavras, “A irrupção do monstro dá início à história de horror propriamente dita”. (CARROLL, 1999, p. 149). O ator até então sem nome aparece na vida de Tertuliano e se transforma na fonte de todos os seus medos e temores. Essa etapa acontece tão logo Tertuliano assiste ao filme e nota o ator, ainda que ele não se sinta ameaçado por ele. Esse foi o momento em que o professor de história é apresentado ao seu duplicado pela primeira vez.

Após a irrupção, Carroll diz que a próxima etapa é o descobrimento. Para Carroll,

O descobrimento propriamente dito ocorre quando um personagem ou grupo de personagens chega à convicção comprovada de que um monstro está na raiz do problema. A irrupção, genericamente falando, compreende as cenas e as sequências que envolvem as manifestações do monstro antes do desenvolvimento desse monstro; o movimento de irrupção pode tornar-se muito extenso. (CARROLL, 1999, p. 151).

Antônio Claro – ou até então Daniel Santa-Clara – irrompe para Tertuliano logo assim que o professor de história é acordado de seu sono por uma sensação estranha. No primeiro momento da narrativa, Tertuliano é o único que o descobre, mas no final da narrativa, Maria da Paz, a mulher com quem ele se relaciona, também o descobre.

De acordo com o esquema proposto por Carroll, após o descobrimento, a etapa que o sucede é a confirmação, que, de acordo com o próprio,

implica que os descobridores da existência do monstro ou aqueles que creem nela convençam um outro grupo da existência da criatura e das proporções do perigo mortal que está à solta (muitas vezes, diz-se que alguns desses monstros significam o fim da vida humana tal como a conhecemos). (CARROLL, 1999, p. 152)

Curiosamente, a pessoa a quem Tertuliano tenta convencer é o seu próprio monstro, uma vez que a sua busca era extremamente sigilosa, pois, “Se há algum segredo na vida que ele queira conservar bem guardado, que ninguém possa sequer suspeitar da sua existência, é precisamente este” (SARAMAGO, 2002, p. 112-113). Após descobrir seu nome e telefone, Tertuliano entra em contato com ele para convencê-lo de que os dois são exatamente iguais.

Tertuliano então resolve ligar para a moradia do ator. “uma súbita contracção muscular constringiu a garganta de Tertuliano” (SARAMAGO, 2002, p. 159) quando Helena, a esposa do ator atendeu. Os dois engatam uma conversação, com a mulher pensando que era uma brincadeira do marido enquanto Tertuliano tenta disfarçar o medo que lhe atinge com o diálogo.

Em seguida, Tertuliano liga novamente e consegue falar com António Claro. Por meio de uma retórica fortíssima, o professor elenca vários fatos que evidenciariam com total segurança a semelhança entre os dois, a citar uma cicatriz comum embaixo da rótula esquerda, dois sinais no antebraço direito, um ao lado do outro e seguramente a voz. Essa primeira tentativa, no entanto, é falha: ele não consegue marcar um encontro com o ator para que ambos se conheçam e sanem suas dúvidas a respeito dessas semelhanças.

António e Helena conversam sobre o que deveriam fazer depois desse contato do professor de história. Apesar de essas sensações fisiológicas provenientes do medo terem indicado que Helena está claramente assustada com a presença estranha que lhe invadira a casa, ela, no entanto, diz que

Há pouco falei de medo, de pânico, mas agora percebo que é outra coisa o que estou a sentir, Quê, Não sei explicar, talvez um pressentimento, Mau, ou bom, É só um pressentimento, como uma porta fechada atrás de outra porta fechada, Estás a tremer, Parece que sim. (SARAMAGO, 2002, p. 181-182).

Não se pode dizer que a etapa da confirmação resultou naquele momento, com António Claro sendo convencido da existência de um homem com as mesmas feições e características físicas suas, mas só a sua incerteza em saber se o professor de história falava a verdade foi suficiente para dar essa função de Carroll por encerrada. António Claro cede à curiosidade que lhe possuía e resolve ligar para Tertuliano, para dizer que de fato eles precisam encontrar-se, tamanha seja a semelhança entre ambos, embora, segundo o próprio ator, “me custe a crer que haja entre nós essa igualdade absoluta que diz” (SARAMAGO, 2002, p. 195).

O encontro já está marcado. No domingo os dois se encontrarão em uma casa situada a trinta quilômetros da cidade em que moram, em um lugar isolado e deserto, onde ninguém poderá vê-los. A casa muito se assemelha ao *locus horribilis* de romances da literatura de horror. Ressalte-se aqui que um lugar ermo e abandonado é a localização ideal para um encontro que não pode acontecer em um lugar qualquer.

A confirmação de fato ocorreu. Chega o dia do encontro e lá está António Claro esperando o professor de história no local combinado. Tertuliano então se apresentou:

Sou a pessoa que lhe telefonou, disse, estou aqui para que se certifique, pelos seus próprios olhos, de que não pretendia divertir-me à sua custa quando lhe dizia que éramos iguais. Efectivamente, balbuciou António Claro numa voz que já não parecia a de Daniel Santa-Clara, imaginei, por causa da sua insistência, que houvesse entre nós uma semelhança grande, mas confesso-lhe que não estava preparado para o que tenho diante de mim, o meu próprio retrato (SARAMAGO, 2002, p. 214).

Após um longo diálogo entre os dois, Tertuliano dá sequência às comparações: primeiro pelas mãos, depois o antebraço, em seguida o corpo todo. Ambos ficaram nus e não proferiram palavra alguma, tendo em vista a inutilidade delas num momento de confirmação de que tudo que o professor havia dito nas ligações era a mais completa verdade. Nesse momento, António Claro mostra-se completamente estupefato, tamanhas as semelhanças entre ambos. Terminadas as explicações necessárias, Tertuliano deixa a casa e em seguida, António Claro assim o faz também.

Confirmada a existência de uma pessoa idêntica a si para o ator, só nos resta agora a função final do enredo de descobrimento complexo de Carroll, ou seja, o confronto. Nas palavras deste,

Após as hesitações da confirmação, o enredo de descobrimento complexo culmina no *confronto*. A humanidade sai ao encontro de seu monstro e o confronto geralmente ganha a forma de um desastre. Muitas vezes, há mais de um confronto. (CARROLL, 1999, p. 154, grifo do autor).

Assim que Tertuliano volta de viagem da casa da mãe e começa a acertar sua vida sentimental com Maria da Paz, ele passa alguns dias recluso, destinado a finalizar a tarefa que lhe fora pedida pelo diretor da escola, como se fosse uma despedida de sua vida antiga de solteiro. Em um desses momentos, eis que António Claro lhe bate à porta usando a barba que Tertuliano lhe enviara como uma maneira de finalizar o jogo entre ambos. O confronto de Carroll está prestes a acontecer.

Com uma retórica argumentativa forte, António Claro informa a Tertuliano que irá visitar uma casa de campo com Maria da Paz, passando-se pelo professor de história durante todo esse tempo. Ele planeja passar a noite com ela

como desforço da perturbação que o seu aparecimento veio introduzir na minha relação conjugal e de que você não pode ter ideia, talvez seja por capricho don-juanescos de obsessivo derrubador de fêmeas, talvez seja, e isso é de certeza o mais provável, por puro e simples rancor [...] mas já se sabe, somos gente de bem, temos medo da prisão, e portanto, como não sou capaz de o matar a si, mato-o doutra maneira, fodo-lhe a mulher (SARAMAGO, 2002, p. 278).

António Claro afirma a Tertuliano que caso o professor não colabore consigo, uma ligação seria feita para Maria da Paz explicando toda a situação que lhe fora omitida. Acrescenta ainda que caso Tertuliano tentasse impedi-lo, violência seria usada para conter o professor. Tertuliano aceita passivamente todas as imposições de António Claro, ajuda-o de todas as

maneiras possíveis com roupas, documentos e a chave do carro, e entrega-se aos pensamentos. Pensa em Maria da Paz, pensa no ator como seu inimigo.

O confronto entre os personagens aconteceu. Tertuliano fraquejou e entregou Maria da Paz de bandeja para António Claro. “Por incrível que nos pareça, o homem que por cobardia moral, por medo a conhecer-se a verdade, deixou ir Maria da Paz para os braços de António Claro” (SARAMAGO, 2002, p. 293) é o mesmo homem que resolve fazer o jogo de António Claro: veste-se como o ator e dirige-se para a casa dele para “dormir com a mulher do inimigo já que a tua está na cama com ele” (SARAMAGO, 2002, p. 285).

Um pouco amedrontado, com a garganta seca e pernas trêmulas, Tertuliano consegue manter as aparências no apartamento quando Helena chega. Ela vai dormir e logo ele também vai. Tertuliano completa sua parte da vingança: ele consegue fazer com a mulher de seu inimigo o que ele faria com a sua.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo o que o narrador onisciente de Saramago já havia posto na fala de seus personagens virá a se concretizar. Inúmeros foram os apelos por parte do Senso Comum, de Helena e de Carolina, para que tanto Tertuliano Máximo Afonso quanto António Claro abandonassem a história, esquecessem-se da existência de um outro e nunca mais se procurassem.

Os estudos psicanalíticos, encabeçados por Otto Rank (2013) são categóricos ao abordar a temática do duplo, seja na literatura ou na cultura popular de um determinado país. Ele diz que às vésperas do Ano Novo e do Natal, é costume realizarem um teste na Alemanha, em algumas partes da Áustria e de certos países eslavos meridionais. Consiste em acender as luzes e verificar se a sombra aparecerá na parede. Aquela pessoa cuja sombra não aparecer, ou cuja cabeça não seja verificada, morrerá ainda em um ano. Em determinadas aldeias alemãs, o pisar na própria sombra é sinônimo de morte iminente. Outra superstição alemã diz que a pessoa que ver a própria sombra duplicada durante as doze noites santas morrerá.

Logo após, ele diz que a crença em espíritos protetores desenvolvidos a partir da sombra está relacionada à duplicidade, de acordo com alguns pensadores. No começo, a presença do duplo estava ligada à proteção, como dito por Rank, mas essa imagem foi subvertida quando passou a ser analisada como indicadora da morte. “Assim sendo, a sombra do homem que, durante sua vida, era um espírito enviado para protegê-lo, se transforma em um fantasma assustador que o persegue e vítima até a morte” (RANK, 2013, p.90).

Tertuliano resolve ligar para casa de Maria da Paz e ouve uma trágica resposta: ela havia morrido com seu noivo num acidente de automóvel. O responsável pelo acidente não fora António Claro; “matou-a ele, Tertuliano Máximo Afonso, matou-a a sua fraqueza moral, matou-a uma vontade que o tornou cego para tudo quanto não fosse a desforra” (SARAMAGO, 2002, p. 297).

A morte que já havia sido prenunciada por todas as Cassandras de Saramago de fato se consumou. O Senso Comum lhe diz que “puseste em marcha uma máquina trituradora que avança para ti” (SARAMAGO, 2002, p.122). Carolina pede que o filho não volte a se encontrar mais uma vez com o ator e mesmo assim, Tertuliano não as ouviu. Carroll alerta que a etapa final do seu enredo de descobrimento complexo – o confronto – geralmente ocorre com algum incidente trágico. Otto Rank também diz que o encontro com o duplicado é um prelúdio da morte.

O acidente sofrido por António Claro e Maria da Paz, entretanto, acaba com a vida de Tertuliano Máximo Afonso. A morte física do ator culminou na morte do professor como sujeito, uma vez que Helena suplica que Tertuliano assuma a identidade do marido dela, uma vez que ele foi o responsável pela morte do ator.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CARROLL, Noël. Enredos de Horror. In. _____. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1999.

DELUMEAU, Jean. *Medos de ontem e de hoje*. In NOVAES, Adauto (org.). **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Editora SENAC SP/ SESC SP, 2007. (p. 39-52).

FRANÇA, Julio. *Fontes e sentidos do medo como prazer estético*. In FRANÇA, Julio (org.). **Insólito, mitos, lendas, crenças** – Anais do VII Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

RANK, Otto. **O duplo: um estudo psicanalítico**. Porto Alegre: Dublinense, 2013

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em 25/04/2017.

Aceito em 01/07/2017.